

Autora do aclamado  
*A Todos os Rapazes que Amei*

**JENNY  
HAN**

**O VERÃO  
EM QUE ME  
APAIXONEI**

«O livro que tem tudo o que  
uma rapariga quer do verão»

SARAH DESSEN

**BESTSELLER DO  
NEW YORK TIMES**

**TOP  
SEL  
LER**

Para todas as mulheres-irmãs  
importantes da minha vida,  
muito particularmente a Claire.



— NEM ACREDITO QUE ESTÁS MESMO AQUI — comento.

Ele soa quase envergonhado quando diz:

— Nem eu. — E depois hesita. — Ainda vens comigo?

Nem acredito que ele tem de perguntar. Iria a qualquer lado.

— Sim — respondo. Parece que nada mais existe para lá dessa palavra, deste momento. Somos apenas nós. Tudo o que aconteceu neste último verão, e em todos os verões anteriores, trouxe-nos até isto. Ao agora.



## capítulo 1

SEGUÍAMOS NO CARRO HÁ UMAS SETE mil horas. Ou pelo menos era isso que parecia. O meu irmão Steven conduzia mais devagar do que a nossa avó. Sentei-me ao lado dele, no lugar do passageiro, com os pés no *tablier*. Entretanto, a minha mãe adormeceu no banco de trás. Mesmo a dormir parece alerta, como se a qualquer momento pudesse despertar e orientar o trânsito.

— Vai mais depressa — piquei o Steven, batendo-lhe no ombro.  
— Vamos passar aquele miúdo na bicicleta.

O Steven repeliu-me.

— Nunca toques no condutor — disse ele. — E tira os teus pés nojentos do meu *tablier*.

Agitei os dedos dos pés para trás e para a frente. A mim, pareciam-me bem limpos.

— O *tablier* não é teu. Sabes bem que em breve o carro vai ser meu.

— Se alguma vez tirares a carta — gozou. — Pessoas como tu nem sequer deveriam ser autorizadas a conduzir.

— Ei, olha — disse eu, apontando para o lado de fora da janela.  
— Aquele tipo na cadeira de rodas acabou de nos ultrapassar!

O Steven ignorou-me e por isso comecei a mexer no rádio. Uma das coisas de que eu mais gostava ao ir para a praia eram as estações de rádio. Conhecia-as tão bem como as que ouvia em casa, e ouvir a Q94 fazia com que sentisse mesmo que estava lá, na praia.

Encontrei a minha rádio preferida, aquela que passava tudo, desde *pop* a músicas antigas e a *hip-hop*. O Tom Petty cantava *Free Fallin'*. Acompanhei-o.

— *She's a good girl, crazy 'bout Elvis / Loves horses and her boyfriend too.*

O Steven esticou o braço para mudar de estação e dei-lhe uma palmada na mão.

— Belly, a tua voz dá-me vontade de mandar o carro pelo mar adentro. — Fez de conta que guinava à direita.

Cantei ainda mais alto, o que acordou a minha mãe, e também ela começou a cantar. Ambas tínhamos vozes terríveis, o que fazia o Steven abanar a cabeça no seu modo de Steven enojado. Odiava ficar em minoria. Era o que mais o incomodava no divórcio dos nossos pais, ser o único homem, sem o nosso pai para ficar do seu lado.

Percorremos devagar as ruas da vila e, apesar de ter acabado de espicaçar o Steven por causa disso, na verdade não me importei. Adorava este tipo de condução, este momento. Voltar a ver a vila, o Jimmy's Crab Shack, o Putt Putt, todas as lojas de surf. Era como regressar a casa depois de uma temporada fora. Continha um milhão de promessas de verão e do que poderia acontecer.

Conforme nos fomos aproximando da casa, senti aquele batimento familiar no peito. Estávamos quase lá. Baixei a janela e assimilei tudo. O sabor do ar era exatamente igual, assim como o cheiro. O vento que me deixava o cabelo pegajoso, a brisa salgada

do mar, tudo aquilo me pareceu certo. Como se tivesse estado à espera da minha chegada.

O Steven deu-me uma cotovelada.

— Estás a pensar no Conrad? — perguntou ele, no gozo.

Por uma vez, a resposta era não.

— Não — disparei.

A minha mãe enfiou a cabeça entre os nossos dois assentos.

— Belly, ainda gostas do Conrad? Depois de tudo o que se passou no verão passado, achei que poderia haver algo entre ti e o Jeremiah.

— O QUÊ? Tu e o Jeremiah? — O Steven pareceu enjoado. — O que é que se passou entre ti e o Jeremiah?

— Nada — respondi a ambos. Senti o rubor a subir desde o meu peito. Desejei já ter um bronzado que o disfarçasse. — Mãe, lá porque duas pessoas são boas amigas não significa que haja algo mais. Por favor, não voltes a falar disso.

A minha mãe recostou-se no assento.

— Combinado — disse ela. A sua voz tinha aquele tom definitivo que eu sabia que o Steven não conseguiria perfurar.

Mas, como se trata do Steven, nem assim desistiu.

— O que é que se passou entre ti e o Jeremiah? Não podes falar duma coisa dessas e depois não explicar.

— Esquece isso — disse-lhe. Dizer o que quer que fosse ao Steven serviria apenas para lhe dar motivos para gozar comigo. E a verdade é que não havia nada a dizer. Nunca houve nada a dizer, mesmo nada.

O Conrad e o Jeremiah eram os rapazes da Beck. A Beck era a Susanna Fisher, anteriormente Susannah Beck. A minha mãe era a única que lhe chamava Beck. Conheciam-se desde os 9 anos — irmãs de sangue, era assim que se referiam uma à outra. E tinham as cicatrizes para prová-lo — marcas idênticas nos pulsos que pareciam corações.

A Susannah disse-me que logo que eu nasci, percebeu que eu estava destinada a um dos seus rapazes. Disse que era o destino. A minha mãe, que por norma não alinha nesse tipo de coisas, comentou que seria perfeito, desde que eu tivesse uns quantos amores antes de assentar. Na realidade, ela disse «namorados», mas essa palavra arrepiava-me. A Susannah levou as mãos à minha cara e disse:

— Belly, tens a minha bênção, sem sombra de dúvida. Detestaria perder os meus rapazes para outra pessoa.

Desde que eu era bebé, desde antes até do meu nascimento, todos os verões íamos para casa de praia da Susannah em Cousins Beach. Para mim, Cousins era a casa e não tanto a vila. A casa era o meu mundo. Tínhamos a nossa própria faixa de praia, só para nós. A casa de verão era composta por montes de coisas. O alpendre a toda a volta, por onde costumávamos correr, jarras de chá gelado, a piscina à noite — mas os rapazes, principalmente os rapazes.

Sempre me perguntei que aspeto teriam os rapazes em dezembro. Tentava imaginá-los com cachecóis roxos e camisolas de gola alta, faces rosadas e parados ao lado de uma árvore de natal, mas a imagem parecia-me sempre falsa. Não sabia como era o Jeremiah de inverno ou o Conrad de inverno e tinha inveja de todos os que sabiam. Eu ficava com os chinelos de praia e os narizes queimados pelo sol e os calções de banho e a areia. Mas e as raparigas de New England que tinham lutas de bolas de neve com eles nos bosques? Aquelas que se encostavam a eles enquanto esperavam que o carro aquecesse, aquelas a quem eles davam os seus casacos quando fazia frio lá fora. Bem, o Jeremiah, talvez. O Conrad não. O Conrad nunca o faria, não era o estilo dele. De uma maneira ou de outra, não era justo.

Eu sentava-me junto do aquecedor na aula de História e pensava no que andariam eles a fazer, se também estariam a aquecer

os pés junto de um aquecedor. A contar os dias até voltar a ser verão. Para mim, era quase como se o inverno não contasse. O verão é que interessava. Toda a minha vida era medida em verões. Como se não começasse efetivamente a viver enquanto não chegasse junho, até estar naquela praia, naquela casa.

O Conrad era o mais velho, um ano e meio. Era sombrio, sombrio, sombrio. Completamente inatingível, indisponível. Tinha um sorrisinho arrogante e dava sempre por mim a olhar para ele. A bocas com sorrisinhos arrogantes dão-nos vontade de beijá-las, de acariciá-las e de afastar aquela arrogância. Ou talvez não fosse afastar, mas antes controlá-la, de algum modo. Torná-la nossa. Era exatamente o que eu queria fazer com o Conrad. Torná-lo meu.

O Jeremiah, por outro lado... era meu amigo. Tratava-me bem. Era o tipo de rapaz que ainda abraçava a mãe, que ainda lhe queria dar a mão quando já era tecnicamente demasiado velho para isso. E também não se envergonhava. O Jeremiah Fisher andava demasiado ocupado a divertir-se para alguma vez se envergonhar.

Aposto que na escola o Jeremiah era mais popular do que o Conrad. Aposto que as raparigas gostavam mais dele. Aposto que se não fosse pelo futebol americano, o Conrad não seria nada de especial. Seria apenas o pacato e temperamental Conrad, e não um deus do futebol. E eu gostava disso. Eu gostava que o Conrad preferisse estar sozinho, a tocar guitarra. Como se fosse superior a todas as coisas estúpidas do secundário. Gostava de pensar que se o Conrad fosse para a minha escola, não jogaria futebol, faria parte da revista literária e iria reparar em alguém como eu.

Quando por fim estacionámos em frente à casa, o Jeremiah e o Conrad estavam sentados no alpendre da entrada. Inclinei-me sobre o Steven e buzinei duas vezes, o que na nossa linguagem de verão significava: *Venham cá ajudar com as malas.*

O Conrad já tinha 18 anos. O seu aniversário fora há pouco tempo. Estava mais alto do que no ano anterior, se é que dá para acreditar. Tinha o cabelo curto e tão escuro como sempre. Ao contrário do Jeremiah, que deixara crescer o cabelo, e tinha agora um ar desganhado, mas com bom aspeto — como um tenista dos anos 70. Quando era mais novo, era loiro e encaracolado, quase platinado no verão. O Jeremiah odiava os seus caracóis. Durante uns tempos, o Conrad convencera-o de que comer côdea de pão encaracolava o cabelo, e o Jeremiah deixou de comer as crostas das sandes, e era o Conrad quem as devorava. Com o passar dos anos, o cabelo do Jeremiah deixou de ser tão encaracolado, passando a ser ondulado. Senti saudades dos caracóis dele. A Susannah chamava-lhe o seu anjinho e parecia mesmo um, com faces rosadas e caracóis louros. Ele ainda tinha faces rosadas.

O Jeremiah fez um megafone com as mãos e gritou:

— Steve-o!

Fiquei sentada no carro a ver o Steven avançar devagar para eles e a abraçá-los como fazem os rapazes. O ar estava salgado e húmido, como se a qualquer momento pudesse chover água do mar. Fingi que atava os atacadores das minhas sapatilhas, mas na verdade só queria um momento para olhar para eles, na casa por mais um bocado, em privado. A casa era grande e cinzenta e branca e praticamente igual a todas as outras casas na rua, mas melhor. Tinha precisamente o aspeto que eu achava que uma casa de praia deveria ter. Parecia um lar.

A minha mãe saiu então do carro.

— Olá, rapazes. Onde é que está a vossa mãe? — perguntou.

— Olá, Laurel. Está a dormir uma sesta — respondeu o Jeremiah. Por norma, ela saía a correr no preciso momento em que o nosso carro parava à porta.

A minha mãe avançou na direção deles em três passadas e abraçou-os com força. O abraço da minha mãe era firme e sólido

como o seu aperto de mão. Desapareceu dentro de casa com os óculos de sol puxados para cima da cabeça.

Saí do carro e passei a bolsa por cima do ombro. De início, nem repararam que já ia a caminho. Mas depois viram-me. Viram mesmo. O Conrad espreitou-me de relance como os rapazes costumam fazer no centro comercial. Nunca antes me olhara daquela maneira. Nunca. Senti-me a corar, a ficar como estava no carro. Já o Jeremiah olhou duas vezes para mim. Fitou-me como se nem sequer me reconhecesse. Tudo isto aconteceu nuns três segundos, mas pareceu-me que fora muito, muito mais demorado.

O Conrad foi o primeiro a abraçar-me, mas foi um abraço distante, com cuidado para não se aproximar demasiado. Acabara de cortar o cabelo e a pele do pescoço dele parecia rosada e nova, como a de um bebé. Cheirava a mar. Cheirava a Conrad.

— Gostava mais de ti com óculos — comentou, com os lábios encostados à minha orelha.

Aquilo doeu. Empurrei-o e disse:

— Bem, temos pena. As minhas lentes de contacto estão para ficar.

Ele sorriu-me, e aquele sorriso... é irresistível. O sorriso dele é sempre assim.

— Acho que arranjaste umas novas — comentou, dando-me uma pancadinha no nariz. Ele sabia como eu me sentia em relação às minhas sardas e pegava sempre comigo.

A seguir, foi o Jeremiah a agarrar-me e quase me levantou no ar.

— A Belly Button<sup>1</sup> está crescida — cantarolou.

Ri-me.

— Pousa-me — disse-lhe. — Cheiras a suor.

O Jeremiah riu-se bem alto.

---

<sup>1</sup> Trocadilho com o nome Belly, dado que «belly button» significa umbigo. [N. do T.]

— Sempre a mesma Belly — comentou, mas olhava-me como se não soubesse ao certo quem eu era. Inclinou a cabeça e disse: — Há qualquer coisa de diferente em ti, Belly.

Preparei-me para o embate.

— O quê? Tenho lentes. — Também ainda não estava completamente habituada a ver-me sem óculos. A minha melhor amiga, a Taylor, andava a tentar convencer-me a usar lentes desde o sexto ano e finalmente dera-lhe ouvidos.

Ele sorriu.

— Não é isso. É que estás diferente.

Regressei então ao carro e os rapazes seguiram-me. Descarregámos rapidamente o carro e assim que acabámos peguei na minha mala e no meu saco de livros e dirigi-me diretamente ao meu antigo quarto. O meu quarto fora o da Susannah quando ela era criança. Tinha papel de parede estampado desbotado e roupa de cama branca. Havia lá uma caixa de música que eu adorava. Quando se abria, surgia uma bailarina rodopiante que dançava o tema de *Romeu e Julieta*, a versão antiga. Guardava lá as minhas joias. Tudo no meu quarto era antigo e desbotado, mas eu adorava. Era como se houvesse segredos naquelas paredes, na cama de dossel e em especial naquela caixa de música.

Ao ver de novo o Conrad, e ao tê-lo a olhar para mim daquela maneira, senti-me por momentos sem fôlego. Peguei no urso polar de peluche que estava na minha cómoda e apertei-o com força junto ao peito — chamava-se Junior Mint<sup>2</sup>, abreviado para Junior. Sentei-me com o Junior na minha cama de casal. O meu coração batia tão alto que até conseguia ouvi-lo. Estava tudo igual, mas na verdade não. Tinham olhado para mim como se fosse uma rapariga a sério e não apenas a irmã mais nova de alguém.

---

<sup>2</sup> Nome de um doce em forma de pastilha composto por menta envolvida em chocolate. [N. do T.]



## capítulo 2

12 anos

A PRIMEIRA VEZ QUE ME PARTIRAM O coração foi nesta casa. Eu tinha 12 anos.

Foi numa daquelas noites muito raras em que os rapazes não estavam todos juntos — o Steven e o Jeremiah tinham ido passar a noite fora numa viagem de pesca com uns rapazes que tinham conhecido no salão de jogos. O Conrad disse que não lhe apetecia ir e claro que eu não fui convidada, e por isso ficámos juntos.

Bem, não ficámos juntos, ficámos na mesma casa.

Eu estava a ler uma história de amor no meu quarto com os pés apoiados na parede quando o Conrad apareceu. Parou e disse:

— Belly, o que é que vais fazer esta noite?

Dobrei rapidamente a capa do meu livro.

— Nada — respondi. Tentei manter uma voz equilibrada, não demasiado entusiasmada ou ansiosa. Tinha deixado a porta do quarto aberta de propósito, na esperança de que ele aparecesse.

— Queres ir comigo ao passadiço? — perguntou. Mostrou um ar descontraído, talvez demasiado descontraído.

Era o momento por que eu tanto esperara. Tinha chegado o momento. Finalmente, já tinha idade suficiente. Em parte, eu já sabia, estava pronta. Olhei de relance para ele, tão descontraída como ele fora.

— Talvez. Anda-me a apetecer uma maçã caramelizada.

— Eu ofereço-te uma — disponibilizou-se ele. — Despacha-te, veste-te e vamos lá. As nossas mães vão ao cinema; deixam-nos pelo caminho.

Levantei-me e disse:

— OK.

Assim que o Conrad saiu, fechei a porta e corri para o espelho. Desfiz as tranças do cabelo e escovei-o. Estava comprido, naquele verão, chegava-me quase à cintura. Depois, despi o fato de banho e vesti uns calções brancos e a minha blusa cinzenta preferida. O meu pai dizia que combinava com os meus olhos. Passei um batom brilhante de morango nos lábios e guardei-o no bolso, para mais tarde. Caso precisasse de retocar.

No carro, a Susannah não parava de me sorrir pelo espelho retrovisor. Lancei-lhe um olhar tipo, *Pare, por favor* — mas tinha vontade de sorrir de volta. Fosse como fosse, o Conrad não prestara atenção. Passou toda a viagem a olhar para fora pela janela.

— Divirtam-se, meninos — disse a Susannah, piscando-me o olho enquanto eu fechava a minha porta.

O Conrad começou por me comprar uma maçã caramelizada. Para ele comprou um refrigerante, mas foi só isso — por norma comia pelo menos uma ou duas maçãs, ou uma fartura. Parecia nervoso, o que me deixou menos nervosa.

Enquanto seguíamos pelo passadiço, deixei o meu braço caído — *nunca se sabe*. Mas ele não o agarrou. Estava uma noite perfeita de verão, daquelas em que corre uma brisa suave e não cai nem uma pinga de chuva. No dia seguinte iria chover, mas naquela noite só havia brisas suaves, mais nada.

Eu disse:

— Vamos sentar-nos para eu comer a minha maçã.

E assim fizemos. Sentámo-nos num banco virado para a praia.

Trinquei cuidadosamente a minha maçã; estava com medo de ficar com o caramelo todo colado aos dentes. Depois, como é que ele ia beijar-me?

Bebeu ruidosamente a *Coca-cola* dele e depois espreitou para o relógio.

— Quando acabares isso, vamos ao lançamento das argolas.

Ele queria ganhar um peluche para me oferecer! Já sabia qual ia escolher — o urso polar com os óculos de arame e um cachecol. Andei o verão todo de olho nele. Já me imaginava a mostrá-lo à Taylor. Oh, isto? Foi o Conrad Fisher que o ganhou para mim.

Devorei rapidamente em duas dentadas o resto da maçã.

— ‘Tá bem — disse, limpando a boca com as costas da mão.  
— Vamos lá.

O Conrad dirigiu-se diretamente para as argolas e tive de andar super-rápido para acompanhá-lo. Como de costume, não se mostrava muito conversador, pelo que para compensar falei ainda mais do que o costume.

— Acho que quando voltarmos a minha mãe vai finalmente pôr televisão por cabo. O Steven, o meu pai e eu já andávamos há que tempos a tentar convencê-la. Ela diz sempre que é contra a televisão, mas depois vê filmes no A&E<sup>3</sup> todo o tempo em que aqui estamos. É tão hipócrita — comentei, mas a minha voz esmoreceu quando percebi que o Conrad nem sequer me ouvia. Ele estava a olhar para a rapariga que trabalhava no jogo das argolas.

Ela devia ter uns 14 ou 15 anos. A primeira coisa em que repariei foi nos calções dela. Eram amarelo-canário e muito, muito curtos. Exatamente o tipo de calções que os rapazes me gozaram

---

<sup>3</sup> Canal de televisão norte-americano sobre artes e entretenimento. [N. do T.]

por usar dois dias antes. Senti-me tão bem ao comprar aqueles calções com a Susannah e depois os rapazes riram-se de mim. Os calções assentavam bem melhor nela.

Tinha as pernas magras e cheias de sardas, tal como os braços. Tudo nela era magro, até os lábios. O cabelo dela era comprido e ondulado. Ruivo, mas num tom tão leve que parecia cor de pê-sego. Acho que era o cabelo mais bonito que eu alguma vez vira. Ela tinha-o passado para um dos lados e era tão comprido que o sacudia sempre ao entregar as argolas às pessoas.

O Conrad tinha vindo ao passadiço por causa dela. Trouxera-me porque não queria ir sozinho e porque sabia que o Steven e o Jeremiah o gozariam. Era isso. Era a única razão. Percebi logo pelo modo como olhava para ela, pelo modo como quase parecia sustar a respiração.

— Conhece-la? — perguntei.

Pareceu espantado, como se se tivesse esquecido que eu ali estava.

— A ela? Não, nem por isso.

Mordi o lábio.

— E queres?

— Quero o quê? — O Conrad estava confuso, o que era irritante.

— Queres conhecê-la? — perguntei, impaciente.

— Acho que sim.

Agarrei-o pela manga da camisa e encaminhei-me para a cabina. A rapariga sorriu-nos e sorri de volta, mas foi só para o espetáculo. Eu estava a representar um papel.

— Quantas argolas? — perguntou ela. Usava aparelho, mas nela parecia interessante, como se fossem joias de dentes e não do tipo ortodôntico.

— Queremos três — respondi-lhe. — Gosto dos teus calções.

— Obrigada — disse ela.

O Conrad aclarou a garganta.

— São giros.

— Pensei que tinhas dito que eram demasiado curtos quando anteontem vesti um par exatamente igual. — Virei-me para a rapariga e disse: — O Conrad é superprotetor. Tens um irmão mais velho?

Ela riu-se.

— Não. — Depois virou-se para o Conrad. — Achas que são demasiado curtos?

Ele corou. Nunca antes o tinha visto corar, nunca desde que o conhecia. Tive a sensação de que seria a última vez. Olhei de forma exagerada para o meu relógio e disse:

— Con, vou andar na roda-gigante antes de ir embora. Ganha um prémio para mim, OK?

O Conrad assentiu rapidamente com a cabeça e eu despedi-me da rapariga e fui embora. Dirigi-me o mais depressa que pude à roda-gigante para que não me vissem chorar.

Mais tarde, vim a saber que o nome da rapariga era Angie. O Conrad acabou por ganhar o urso polar com os óculos de arame e o cachecol. Contou-me que a Angie lhe disse que era o melhor prémio que tinham. Ele disse que achou que eu também ia gostar. Disse-lhe que preferia a girafa, mas agradei na mesma. Chamei-lhe Junior Mint e deixei-o onde ele pertence, na casa de verão.



## capítulo 3

DEPOIS DE TER DESFEITO AS MALAS, fui logo para a piscina, onde sabia que encontraria os rapazes. Estavam deitados em espreguiçadeiras, com os pés sujos de terra a balançar.

Assim que o Jeremiah me viu, levantou-se de repente.

— Senhoras e senhores-res-res — começou com grande aparato, fazendo uma vénia como se fosse o apresentador de um circo. — Creio que está na hora... do nosso primeiro chapão do verão.

Constrangida, afastei-me ligeiramente deles. Um movimento súbito e tudo estaria acabado — iriam atrás de mim.

— Nem penses — disse eu.

O Conrad e o Steven levantaram-se, cercando-me.

— Não podes contrariar a tradição — disse o Steve. O Conrad limitou-se a sorrir com malícia.

— Já sou muito velha para isto — frisei, desesperada. Recuei e foi então que me seguraram. O Steven e o Jeremiah agarraram-me pelos pulsos.

» Vá lá, pessoal — disse eu, tentando libertar-me do aperto deles. Arrastei os pés, mas eles puxaram-me. Eu sabia que não valia a pena resistir, mas tentava sempre, apesar de a planta dos meus pés se queimar no chão.

— Pronta? — perguntou o Jeremiah, erguendo-me por debaixo das axilas. O Conrad agarrou-me pelos pés e então o Steven pegou-me no braço direito, enquanto o Jeremiah ficava à minha esquerda. Balançaram-me para a frente e para trás como se eu fosse um saco de farinha.

— Odeio-vos pessoal — gritei, por cima das gargalhadas deles.

— Um — começou o Jeremiah.

— Dois — disse o Steven.

— E três — concluiu o Conrad.

Lançaram-me então para dentro da piscina, completamente vestida. Embati com estrondo na água. Debaixo de água, ouvia-os a fugir.

O Chapão da Belly era algo que tinham começado a fazer há um milhão de verões. Provavelmente, foi o Steven a começar. Eu detestava. Apesar de ser uma das poucas vezes em que era incluída nas brincadeiras deles, odiava ser o alvo daquilo. Fazia com que me sentisse impotente e lembrava-me de que era uma intrusa, demasiado fraca para lhes dar luta, tudo por ser rapariga. A irmãzinha de alguém.

Costumava chorar com aquilo, ir a correr ter com a Susannah e a minha mãe, mas não servia de nada. Os rapazes acusavam-me de ser queixinhas. Mas não desta vez. Desta vez ia ser uma boa compincha. Se fosse uma boa compincha, talvez aquilo lhes estragasse a brincadeira.

Quando regressei à superfície, sorri e disse:

— Vocês parecem ter 10 anos.

— Para sempre — disse o Steven, presunçoso. O seu ar convencido deu-me vontade de lhe atirar água e encharcá-lo junto

com os seus preciosos óculos de sol da *Hugo Boss* que lhe custaram três semanas de trabalho.

Depois, eu disse:

— Acho que me torceste o tornozelo, Conrad. — Fingi sentir dificuldades para nadar até junto deles.

Ele aproximou-se da beira da piscina.

— Tenho a certeza que hás de sobreviver — disse, com um sorriso trocista.

— Pelo menos ajuda-me a sair — exigi.

Agachou-se e estendeu-me a mão, que eu agarrei.

— Obrigada — disse, meia zozona. E depois segurei-o bem e puxei-lhe o braço com a máxima força que pude. Desequilíbrioou-se, caiu para a frente e tombou na piscina com um estouro ainda maior do que o meu. Acho que foi a vez em que mais me ri na vida. Tal como o Jeremiah e o Steven. Acho que toda a Cousins Beach nos ouviu rir.

A cabeça do Conrad veio rapidamente à tona e ele nadou até junto de mim em duas braçadas. Recreei que estivesse zangado, mas não estava, pelo menos não completamente. Sorria, mas de um modo ameaçador. Esquivei-me dele.

— Não me apanhas — disse eu, muito animada. — Muito lento!

Sempre que ele se aproximava, eu nadava para longe.

— Marco — chamei, entre risinhos.

O Jeremiah e o Steven, que regressavam à casa, disseram:

— Polo!

O que me fez rir, nadar mais devagar, e o Conrad apanhou-me o pé.

— Larga-me — arquejei, ainda a rir.

O Conrad abanou a cabeça.

— Pensei que era demasiado lento — disse ele, boiando na água mais junto a mim. Estávamos na zona mais funda da piscina.

A t-shirt branca dele estava encharcada e eu conseguia ver o tom dourado da sua pele.

De repente, deu-se uma incômoda quietude entre nós. Ele ainda me agarrava o pé e eu tentava manter-me à tona. Por um segundo, desejei que o Jeremiah e o Steven ainda ali estivessem. Não percebi porquê.

— Larga-me — exigi outra vez.

Puxou-me o pé, aproximando-me dele. Estar assim tão perto deixava-me zozna e nervosa. Voltei a dizer, pela última vez, apesar de não falar a sério.

— Conrad, larga-me.

Ele assim fez. E depois afundou-me na água. Era-me indiferente. Eu já estava a sustentar a respiração.



## capítulo 4

A SUSANNAH DESCEU APÓS A SUA sesta, pouco depois de vestirmos roupas secas, desculpando-se por ter perdido o nosso regresso em grande à casa. Ainda parecia ensonada e o cabelo dela estava todo levantado de um dos lados, como o de uma criança. Ela e a minha mãe abraçaram-se primeiro, com força e demoradamente. A minha mãe pareceu tão feliz por vê-la que até lhe vieram as lágrimas aos olhos, e isso nunca lhe acontecia.

Depois, foi a minha vez. A Susannah envolveu-me num abraço, daqueles apertados que demoram o suficiente para se pensar quanto tempo mais iria durar, quem se afastaria primeiro.

— Está mais magra — disse-lhe eu, por um lado porque era verdade e, por outro, porque sabia que ela adorava ouvi-lo. Ela estava sempre a fazer dieta, sempre atenta ao que comia. Para mim, ela era perfeita.

— Obrigada, querida — disse a Susannah, por fim largando-me e olhando para a extensão do meu braço. Abanou a cabeça e disse, com uma pitada de tristeza e espanto:

— Quando é que cresceste? Quando é que te tornaste nesta mulher fenomenal?

Sorri, constrangida, satisfeita por os rapazes estarem lá em cima e não ali perto para ouvirem.

— Acho que estou quase igual.

— Sempre foste encantadora, mas, querida, olha só para ti. — Abanou a cabeça como se estivesse espantada comigo. — És tão bonita. Tão bonita. Vais ter um verão mesmo espetacular. Será um verão que nunca vais esquecer.

A Susannah falava sempre de forma exagerada — e quando o fazia, soava como uma proclamação, como se se tornasse realidade só por dizê-lo.

Só que... a Susannah tinha razão. Foi um verão que nunca hei de esquecer. Foi o verão em que tudo começou. Foi o verão em que me tornei bonita. Porque, pela primeira vez, senti isso. Que era bonita, digo eu. Em todos os verões, até este, acreditei que seria diferente. Que a vida seria diferente. E naquele verão finalmente foi. Eu fui diferente.



## capítulo 5

O JANTAR NA PRIMEIRA NOITE ERA sempre igual: um grande tacho de *bouillabaisse* que a Susannah cozinhava enquanto esperava que chegássemos. Montes de camarões, patas de caranguejo e lulas — ela sabia que eu adorava lulas. Mesmo quando eu era pequena, escolhia as lulas e guardava-as para o fim. A Susannah pousava o tacho no meio da mesa, juntamente com fatias de pão tostadas da padaria lá perto. Cada um de nós pegava numa tigela e servíamo-nos diretamente do tacho durante o jantar, mergulhando a concha de novo lá. A Susannah e a minha mãe bebiam sempre vinho tinto e nós, os miúdos, tínhamos *Fanta* de uva, mas naquela noite havia copos de vinho para toda a gente.

— Acho que já todos temos idade para beber, não achas, Laur? — perguntou a Susannah enquanto nos sentávamos.

— Não sei — começou por dizer a minha mãe, mas depois parou. — Oh, está bem. Tudo bem. Estou a ser provinciana, não é Beck?

A Susannah riu-se e tirou a rolha à garrafa.

— Tu? Nunca — disse ela, servindo um pouco de vinho a todos nós. — É uma noite especial. É a primeira noite de verão.

O Conrad bebeu o vinho dele num par de goladas. Bebeu-o como se estivesse habituado a bebê-lo. Acho que muita coisa pode acontecer ao longo de um ano. Ele disse:

— Não é a primeira noite de verão, mãe.

— Oh, é pois. O verão não começa enquanto não chegarem os nossos amigos — disse a Susannah, esticando o braço por cima da mesa para tocar na minha mão, e na do Conrad.

Ele afastou a mão da dela, quase por instinto. A Susannah não terá reparado, mas eu sim. Eu reparava sempre no Conrad.

O Jeremiah também deve ter reparado, porque mudou de assunto.

— Belly, olha a minha cicatriz mais recente — disse ele, puxando a camisa para cima. — Marquei três golos de campo nessa noite.

O Jeremiah jogava futebol americano. Tinha orgulho em todas as suas cicatrizes de guerra.

Debrucei-me sobre ele para ver melhor. Era uma longa cicatriz que começava a desaparecer, na parte de baixo da barriga dele. Nitidamente, andava a fazer exercício. A barriga dele era lisa e dura e no verão anterior não tinha aquele aspeto. Ele agora parecia maior do que o Conrad.

— Uau — disse eu.

O Conrad resfolegou.

— O Jere quer mostrar-te os abdominais — disse ele, partindo um pedaço de pão para mergulhá-lo na tigela. — Porque é que não mostras a todos, em vez de ser só à Belly?

— Sim, mostra-nos, Jere — disse o Steven, a sorrir.

O Jeremiah também sorriu. Virou-se para o Conrad e disse:

— Tu tens inveja porque desististe. — O Conrad tinha desistido do futebol? Essa para mim era nova.

— Conrad, desististe, pá? — perguntou o Steven. Calculei que também fosse novidade para ele. O Conrad era mesmo bom; a Susannah costumava enviar-nos por e-mail os recortes de jornais que falavam dele. Ele e o Jeremiah estiveram juntos na equipa naqueles últimos dois anos, mas a estrela era o Conrad.

O Conrad encolheu os ombros, com indiferença. Ainda tinha o cabelo molhado da piscina, assim como eu.

— Tornou-se uma seca — explicou.

— O que ele quer dizer é que ele é que se tornou uma seca — comentou o Jeremiah. — A seguir, levantou-se e despiu a camisa. — Nada mal, hein?

A Susannah atirou a cabeça para trás e riu-se, e a minha mãe imitou-a.

— Senta-te, Jeremiah — disse ela, agitando a fatia de pão à frente dele como se fosse uma espada.

— O que é que achas, Belly? — perguntou-me ele. Parecia estar a piscar-me o olho, apesar de não estar.

— Muito bem — respondi, esforçando-me por não sorrir.

— Agora, é a vez da Belly se exhibir — disse o Conrad, no gozo.

— A Belly não precisa de se exhibir. Basta olhar para ela para ver como está linda — disse a Susannah, sorvendo o seu vinho e sorrindo-me.

— Linda? Pois, está bem — disse o Steven. — Uma linda dor de cabeça, isso sim.

— Steven — avisou a minha mãe.

— O que foi? O que é que eu disse? — questionou ele.

— O Steven é demasiado porco para perceber o conceito de lindo — disse eu num tom doce. Empurrei o pão na direção dele. — Oinc, oinc, Steven. Toma mais pão.

— Com todo o gosto — disse ele, partindo um pedaço crocante.

— Belly, fala-nos de todas as amigas giras que me vais apresentar — disse o Jeremiah.

— Já não tentámos isso uma vez? — perguntei. — Não me digas que já te esqueceste da Taylor Jewel.

Toda a gente desatou a rir às gargalhadas, até o Conrad.

As faces do Jeremiah ruborizaram, mas também ele se ria, e abanava a cabeça.

— Não és nada simpática, Belly — disse ele. — Há imensas raparigas giras no Clube, por isso, não te preocupes comigo. Preocupa-te com o Con. Ele é que anda a falhar.

O plano original era o Jeremiah e o Conrad trabalharem no Clube como nadadores-salvadores. O Conrad já o fizera no verão anterior. Neste verão, o Jeremiah já era suficientemente velho para o acompanhar, mas o Conrad mudou de ideias à última da hora e decidiu antes limpar mesas na marisqueira chique.

Costumávamos ir lá muitas vezes. Crianças de 12 anos ou menos podiam comer lá por 20 dólares. Houve uma altura em que eu era a única com 12 anos ou menos. A minha mãe tratava sempre de dizer ao empregado que eu tinha menos de 12 anos. Era uma questão de princípio. Sempre que ela o fazia, sentia-me a desaparecer. Só queria ser invisível. Não era por os rapazes poderem fazer um grande alarido disso, o que facilmente poderiam ter feito, o que eu odiava era sentir-me diferente, como uma intrusa. Odiava ser destacada. Só queria ser como eles.

**«TODA A MINHA VIDA  
ERA MEDIDA EM VERÕES.  
COMO SE NÃO COMEÇASSE  
EFETIVAMENTE A VIVER ENQUANTO  
NÃO CHEGASSE JUNHO, ATÉ ESTAR  
NAQUELA PRAIA, NAQUELA CASA.»**

Tudo o que é bom e mágico acontece durante o verão, e é a sonhar com o verão que Belly, de 16 anos, passa os seus dias. Para ela, os invernos são insuportáveis e sinónimo de estar longe de Jeremiah e de Conrad, os rapazes que Belly conhece desde a sua primeira estadia na casa de praia. Eles são os seus quase-irmãos, os seus inseparáveis parceiros de aventuras.

Até que chega *aquele* verão – maravilhoso e ao mesmo tempo terrível – em que tudo muda. Estas poderão ser as últimas férias que passam todos juntos na casa de praia. Chegou o momento de perpetuar memórias, confessar paixões escondidas e, acima de tudo, é hora de, finalmente, Belly começar a obedecer ao seu coração.

**Um romance com sabor a mar e a liberdade, sobre crescer e apaixonar-se, deixando-nos a desejar por mais.**

**DA MESMA AUTORA:**



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8800-96-1



9 789898 800961

Ficção Romântica